

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA	9
→ CONJUGAÇÃO, RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS.....	9
→ PRONOMES PESSOAIS.....	18
→ PRONOMES DE TRATAMENTO.....	18
→ PRONOMES POSSESSIVOS.....	19
→ PRONOMES INDEFINIDOS	19
→ PRONOMES DEMONSTRATIVOS.....	20
→ COLOCAÇÃO PRONOMINAL	24
→ SIGNIFICADO DE VOCÁBULO E EXPRESSÕES.....	29
→ PONTUAÇÃO (PONTO, VÍRGULA, TRAVESSÃO, ASPAS, PARÊNTESES ETC.)	33
→ REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL (CASOS GERAIS).....	40
→ CRASE.....	42
→ CONCORDÂNCIA (VERBAL E NOMINAL).....	47
→ COERÊNCIA. COESÃO (ANÁFORA, CATÁFORA, USO DOS CONECTIVOS – PRONOMES RELATIVOS, CONJUNÇÕES ETC.)	52
→ VARIAÇÕES DA LINGUAGEM: NÃO VERBAL, REGIONAL, HISTÓRICO, CONTEXTUAL. NEOLOGÍSMOS E ESTRANGEIRISMOS	60
→ LINGUAGEM FORMAL E INFORMAL	62
→ FIGURAS DE LINGUAGEM	66
→ FUNÇÕES DA LINGUAGEM (EMOTIVA, APELATIVA, POÉTICA, DENOTATIVA ETC.).....	68
→ INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (COMPREENSÃO).....	70
NOÇÕES DE DIREITO.....	115
→ RESPONSABILIDADE CIVIL DO ESTADO	115
→ CLASSIFICAÇÃO DOS AGENTES PÚBLICOS	115
→ FUNÇÕES, CARGOS E EMPREGOS PÚBLICOS.....	115
→ ACUMULAÇÃO DE CARGOS E EMPREGOS PÚBLICOS E FUNÇÕES	116
→ ESTABILIDADE E ESTÁGIO PROBATÓRIO	116
→ VENCIMENTO E REMUNERAÇÃO (LEI 8.112 – ARTS. 40 A 48).....	116
→ DO DIREITO DE PETIÇÃO (LEI 8.112 – ARTS. 104 A 115).....	116
→ DO REGIME DISCIPLINAR (LEI 8.112 – ARTS. 116 A 142).....	116
→ DO PROCESSO ADMINISTRATIVO DISCIPLINAR (LEI 8.112 – ARTS. 143 A 182).....	116

→ DO PROVIMENTO (ARTS. 10 A 47 DA LEI Nº 869/1952)	117
→ DOS DEVERES E DA AÇÃO DISCIPLINAR (ARTS. 208 A 274 DA LEI Nº 869/1952)	117
→ DISPOSIÇÕES GERAIS (SERVIDORES MUNICIPAIS).....	117
→ FORMAS DE PROVIMENTO (SERVIDORES MUNICIPAIS)	117
→ ESTABILIDADE E ESTÁGIO PROBATÓRIO (SERVIDORES MUNICIPAIS)	117
→ DIREITOS E VANTAGENS (SERVIDORES MUNICIPAIS).....	118
→ LICENÇAS, AFASTAMENTOS E CONCESSÕES (SERVIDORES MUNICIPAIS)	118
→ DIREITO DE PETIÇÃO (SERVIDORES MUNICIPAIS).....	118
→ REGIME DISCIPLINAR (SERVIDORES MUNICIPAIS).....	118
→ PROCESSO DISCIPLINAR	119
→ DECRETO Nº 7.203/2010 – NEPOTISMO	119
→ HISTÓRICO DAS CONSTITUIÇÕES DO BRASIL.....	119
→ DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS (ART. 5º DA CF/1988).....	119
→ DIREITOS SOCIAIS E DOS TRABALHADORES (ARTS. 6º E 7º).....	120
→ ESPÉCIES DE NACIONALIDADE (BRASILEIROS NATOS E NATURALIZADOS)	121
→ DISTINÇÕES CONSTITUCIONAIS ENTRE BRASILEIROS NATOS E NATURALIZADOS.....	121
→ SOBERANIA POPULAR (VOTO, PLEBISCITO, REFERENDO, INICIATIVA POPULAR), ALISTAMENTO E ELEGIBILIDADE.....	121
→ DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA (ARTS. 18 E 19 DA CF/1988).....	121
→ ESTADOS FEDERADOS – ORGANIZAÇÃO, COMPETÊNCIAS E BENS (ARTS. 25 A 28 DA CF/1988).....	121
→ DISPOSIÇÕES GERAIS (ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA – ARTS. 37 E 38 DA CF/1988)	122
→ DOS SERVIDORES PÚBLICOS (ARTS. 39 A 41 DA CF/1988).....	122
→ DAS ATRIBUIÇÕES DO CONGRESSO NACIONAL (ARTS. 48 A 50 DA CF/1988).....	122
→ DAS COMISSÕES PARLAMENTARES – PERMANENTES E TEMPORÁRIAS (ART. 58 DA CF/1988).....	122
→ DISPOSIÇÃO GERAL (PROCESSO LEGISLATIVO, ART. 59 DO CF/1988).....	122
→ DA EMENDA À CONSTITUIÇÃO (ART. 60 DA CF/1988).....	123
→ LEIS ORDINÁRIAS E COMPLEMENTARES.....	123
→ FASES DO PROCESSO LEGISLATIVO (INICIATIVA, DISCUSSÃO, VOTO, VETO, SANSÃO, PROMULGAÇÃO E PUBLICAÇÃO).....	123
→ DA SAÚDE (ARTS. 196 A 200 DA CF/1988)	123
→ DIREITOS HUMANOS NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL.....	123

MATEMÁTICA..... 125

→ PROBABILIDADE CONDICIONAL	125
→ PROBABILIDADE DA INTERSECÇÃO	125
→ PROBABILIDADE DA UNIÃO	125
→ CÁLCULO DE PROBABILIDADES USANDO ANÁLISE COMBINATÓRIA	126
→ AMOSTRAGEM	126
→ DEFINIÇÃO, SUBCONJUNTO, INCLUSÃO E PERTINÊNCIA, OPERAÇÕES, CONJUNTO DAS PARTES.....	126
→ NÚMEROS NATURAIS: INTRODUÇÃO, REPRESENTAÇÃO, PROPRIEDADES.....	128
→ ADIÇÃO, SUBTRAÇÃO, MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO DE NÚMEROS NATURAIS.....	129

→ DIVISIBILIDADE, NÚMEROS PRIMOS, FATORES PRIMOS, DIVISOR E MÚLTIPLO COMUM.....	133
→ NÚMEROS INTEIROS (PROBABILIDADE, OPERAÇÕES, MÓDULO ETC.)	135
→ NÚMEROS RACIONAIS: INTRODUÇÃO, REPRESENTAÇÃO, PROPRIEDADES	135
→ FRAÇÕES E DÍZIMAS PERIÓDICAS.....	135
→ OPERAÇÕES COM NÚMEROS DECIMAIS.....	137
→ ANÁLISE COMBINATÓRIA (PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA CONTAGEM, ARRANJOS, COMBINAÇÕES, PERMUTAÇÕES)	140
→ PORCENTAGEM.....	142
→ INTERPRETAÇÃO DE GRÁFICOS E TABELAS.....	145
→ PROPORÇÕES. GRANDEZAS PROPORCIONAIS. DIVISÃO EM PARTES PROPORCIONAIS	146
→ REGRA DE TRÊS SIMPLES.....	147
→ EQUAÇÕES DE PRIMEIRO GRAU	148
→ EQUAÇÕES DE SEGUNDO GRAU E EQUAÇÕES BIQUADRADAS	151
→ PROGRESSÃO ARITMÉTICA.....	151
→ PROGRESSÃO GEOMÉTRICA.....	152
→ INEQUAÇÕES DE SEGUNDO GRAU	153
→ RAZÕES E FUNÇÕES TRIGONOMÉTRICAS. CICLO TRIGONOMÉTRICO	153
→ CONGRUÊNCIA E SEMELHANÇA DE TRIÂNGULOS. RAZÃO DE SEMELHANÇA.....	154
→ DESIGUALDADE TRIANGULAR	154
→ SOMA DOS ÂNGULOS INTERNOS DO TRIÂNGULO	154
→ ÁREA E PERÍMETRO DO ÂNGULO.....	155
→ CÁLCULO DE SENO E COSSENO NO TRIÂNGULO RETÂNGULO.....	155
→ QUADRILÁTEROS (PROPRIEDADES, ÁREA, PERÍMETRO, SOMA DOS ÂNGULOS ETC.).....	155
→ COMPRIMENTO DA CIRCUNFERÊNCIA E DO ARCO DE CIRCUNFERÊNCIA	157
→ POSIÇÕES RELATIVAS DE SUAS CIRCUNFERÊNCIAS	157
→ POLÍGONOS INSCRITOS E CIRCUNSCRITOS À CIRCUNFERÊNCIA.....	157
→ JUROS SIMPLES	158

RACIOCÍNIO LÓGICO161

→ SEQUÊNCIAS DE NÚMEROS, FIGURAS, LETRAS E PALAVRAS.....	161
→ SUDOKU E JOGOS SIMILARES.....	163
→ DIAGRAMAS LÓGICOS, PROPOSIÇÕES CATEGÓRICAS, NEGAÇÃO DE QUANTIFICADORES	163
→ EQUIVALÊNCIAS LÓGICAS (INCLUI NEGAÇÃO DE PREPOSIÇÕES COMPOSTAS).....	165
→ OPERAÇÕES LÓGICAS (REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA; DIFERENÇA ENTRE PROPOSIÇÃO SIMPLES E COMPOSTA).....	165
→ EXERCÍCIOS ENVOLVENDO DATAS E CALENDÁRIOS.....	165
→ ARGUMENTOS – MÉTODOS DECORRENTES DA TABELA VERDADE.....	166
→ ORIENTAÇÃO NO PLANO, NO ESPAÇO E NO TEMPO	166
→ ASSOCIAÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	167
→ RACIOCÍNIO CRÍTICO	167
→ TAUTOLOGIA, CONTRADIÇÃO E CONTINGÊNCIA.....	167
→ PROBLEMAS ENVOLVENDO PALITOS.....	167

LÍNGUA PORTUGUESA

→ CONJUGAÇÃO, RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS

1. (FUMARC – 2019)

QUE TEMPOS, ESTES!

Lya Luft

Em todas as épocas houve quem desse esta exclamação: que tempos!

“A gente não entende mais nada” é outra. Mas as pessoas sempre querem saber tudo, entender tudo, com preguiça de usar a sua própria maravilhosa imaginação. Corremos com o tempo, ou contra ele, para outra vida, para novos horizontes, em círculo nos lugares e pessoas que amamos, finalmente para o nada ou para “um lugar melhor”, como se diz.

Não dá pra ver só o vazio no copo, na vida, no país, no horizonte. O jeito é multiplicar o brilho dos afetos, o calor dos abraços.

“De repente, eu tenho oitenta anos”, comentou com ar de surpresa minha mãe, antes que a enfermidade lhe roubasse a consciência de si e de nós. De repente, quem sabe, então, vão-se resolver nossas aflições civis de hoje, e as econômicas, e o sentimento de desamparo e confusão. E voltaremos a ser um país simpático, um pouco malandro, quem sabe, mas não criminoso, não corrupto, não destruidor do cotidiano digno ou possível de seus filhos.

“Vivemos tempos estranhos” é frase repetida em todos os níveis. Tempos confusos, surpreendentes, cada dia uma chateação maior, uma confusão mais elaborada, uma perplexidade mais pungente. (Ainda bem que nos salvamos com novidades boas: os bebês que nascem, as crianças que começam a trotar naquele encantador jeito só delas, os amigos que recuperam a saúde, a família que se encontra, os amados distantes que se comunicam mais, o flamboyant delirando em vermelhos surreais na rua.)

Nós, os incautos pagadores de contas, contadores de trocados e trocadores de emprego (ou simplesmente sem ele), não sabemos bem o que fazer. “Tá tudo muito esquisito”, comentamos uns com os outros, alguns querendo ir embora, outros querendo aguentar até que tudo melhore, porque é a terra da gente, e muitos são, como esta que escreve, reis em sua zona de conforto.

Todos imaginamos, procuramos, uma solução, que parece impossível ou distante.

Mas que está ruim está, todas as providências hoje nos deixam duvidosos, e as festas andam sem o brilho de outros tempos, essa é a verdade. Onde estão as ruas iluminadas numa competição de beleza em tantos bairros da cidade no Natal, por exemplo? A gente pegava o carro para ver, de noite, toda aquela cintilação.

Hoje mal saímos de casa na noite escura.

Mas não dá pra ver só o vazio no copo, na vida, no país, no horizonte. O jeito é multiplicar outro brilho, nos tempos tormentosos: o brilho dos afetos, o calor dos abraços, a sinceridade na tolerância e o respeito pelas manias, esquisitices, aflições alheias – porque é tempo de aflições. Dá algum trabalho manter a ciranda emocional lubrificada e funcionando com certa mansidão, mas também traz um enorme conforto, apesar da unhada eventual da mágoa, da saudade ou da preocupação – que, diga-se de passagem, é a inefugível marca das mães.

Complicado: se de um lado corre, de outro lado o rio parece se arrastar. Depende do ângulo pelo qual olhamos, do quanto sobra no bolso antes do fim do mês, depende do emprego seguro, da capacidade de alegria, depende de pessoas decentes, depende de recursos, para que a grande engrenagem enferrujada volte a funcionar, e o tempo seja de mais alegria e mais aconchego de uns com os outros.

Em: “[...] depende de recursos, para que a grande engrenagem enferrujada **volte** a funcionar, e o tempo seja de mais alegria e mais aconchego de uns com os outros.”, o verbo destacado está flexionado no

- presente do indicativo.
- presente do subjuntivo.
- futuro do subjuntivo.
- pretérito imperfeito do subjuntivo.

2. (FUMARC – 2018) A questão baseia no texto apresentado abaixo.

Twitter e Facebook viciam mais do que álcool e cigarro, diz estudo

Se você é daqueles que não desgruda das redes sociais, cuidado: pode estar viciado. De acordo com uma pesquisa

Pesquisadores deram smartphones para 205 adultos e pediram para que eles usassem seus aparelhos, especialmente as redes sociais, sete vezes por dia durante algumas semanas. Quando os voluntários foram recrutados responderam questionários sobre vícios e desejos e, ao final do processo, participaram de uma nova sondagem sobre o mesmo assunto.

Nos questionários iniciais, os desejos mais relatados pelos participantes foram sono e sexo. Inesperadamente, álcool e cigarro não estavam no topo da lista, como se suspeitava inicialmente. Já no questionário respondido ao final do estudo, os pesquisadores notaram que, uma vez estimulado a manterem contato constante com a internet, os voluntários haviam adquirido um novo vício: o de navegar na web.

A maioria dos participantes tinha dificuldade de parar de verificar suas redes sociais, mesmo quando eles não tinham tempo ou estavam comprometidos com outros assuntos. Outro vício que pode ser notado foi o trabalho. Muitos participantes aproveitavam para usar seus smartphones como uma extensão do trabalho, mesmo quando estavam em suas horas de lazer.

Diante desse quadro, os pesquisadores puderam verificar que se envolver com redes sociais tornou-se uma atividade tão inerentemente atraente que ela pode acabar deslocando o indivíduo de todas as outras atividades.

Para os pesquisadores, o vício é uma questão de desequilíbrio entre o desejo pessoal de se engajar no comportamento viciante e o desejo conflitante, de evitar as consequências negativas de tal comportamento. Como no uso de redes sociais, os aspectos negativos não estão aparentes, o potencial de vício dessas ferramentas é muito maior do que drogas como cigarro e álcool.

Os verbos destacados estão flexionados no pretérito imperfeito do indicativo, EXCETO em:

- “[...] os voluntários **havi**am adquirido um novo vício: o de navegar na web.”
- “A maioria dos participantes **tin**ha dificuldade de parar de verificar suas redes sociais [...]”
- “Inesperadamente, álcool e cigarro não **est**avam no topo da lista [...]”
- “Pesquisadores **der**am smartphones para 205 adultos [...]”

3. (FUMARC – 2018)

O HOMEM QUE CONHECEU O AMOR

Affonso Romano de Sant’Anna

Do alto de seus oitenta anos, me disse: “na verdade, fui muito amado.” E dizia isto com tal plenitude como quem dissesse: sempre me trouxeram flores, sempre comi ostras à beira-mar.

Não havia arrogância em sua frase, mas algo entre a humildade e a petulância sagrada. Parecia um pintor, que, olhando o quadro terminado, assina seu nome embaixo. Havia um certo fastio em suas palavras e gestos. Se retirava de um banquete satisfeito. Parecia pronto para morrer, já que sempre estivera pronto para amar.

Se eu fosse rei ou prefeito teria mandado erguer-lhe uma estátua. Mas, do jeito que falava, ele pedia apenas que no seu túmulo eu escrevesse: “aqui jaz um homem que amou e foi muito amado”. E aquele homem me confessou que amava sem nenhuma coerção. Não lhe encostei a faca no peito cobrando algo. Ele que tinha algo a me oferecer. Foi muito diferente daqueles que não confessam seus sentimentos nem mesmo debaixo de um “pau de arara”: estão ali se afogando de paixão, levando choques de amor, mas não se entregam. E no entanto, basta-lhes a ficha que está tudo lá: traficante ou guerrilheiro do amor. Uns dizem: casei várias vezes. Outros assinalam: fiz vários filhos. Outro dia li numa revista um conhecido ator dizendo: tive todas as mulheres que quis. Outros ainda, dizem: não posso viver sem fulana (ou fulano). Na Bíblia está que Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó e Jacó gerou as doze tribos de Israel. Mas nenhum deles disse: “Na verdade, fui muito amado”.

Mas quando do alto de seus oitenta anos aquele homem desfechou sobre mim aquela frase, me senti não apenas como o homem que quer ser engenheiro como o pai. Senti-me um garoto de quatro anos, de calças curtas, se dizendo: quando eu crescer quero ser um homem de oitenta anos que diga: “amei muito, na verdade, fui muito amado.” Se não pensasse nisto não seria digno daquela frase que acabava de me ser ofertada. E eu não poderia desperdiçar uma sabedoria que levou 80 anos para se formar. É como se eu não visse o instante em que a lagarta se transformara em libélula.

Ouvindo-o, por um instante, suspeitei que a psicanálise havia fracassado; que tudo aquilo que Freud sempre disse, de que o desejo nunca é preenchido, que se o é, o é por frações de segundos, e que a vida é insatisfação e procura, tudo isto era coisa passada. Sim, porque sobre o amor há várias frases inquietantes por aí... Bilac nos dizia salomônico: “eu tenho amado tanto e não conheci o amor”. O Arnaldo Jabor disse outro dia a frase mais retumbante desde “Independência ou morte” ao afirmar: “o amor deixa muito a desejar”. Ataulfo Alves dizia: “eu era feliz e não sabia”.

Frase que se pode atualizar: eu era amado e não sabia. Porque nem todos sabem reconhecer quando são amados. Flores despencam em arco-íris sobre sua cama, um banquete real está sendo servido e, sonolento, olha noutra direção.

Sei que vocês vão me repreender, dizendo: deveria ter nos apresentado o personagem, também o queríamos conhecer, repartir tal acontecimento. E é justa a reprimenda. Porque quando alguém está amando, já nos contamina de jasmim. Temos vontade de dizer, vendo-o passar - ame por mim, já que não pode se deter para me amar a mim. Exatamente como se diz a alguém que está indo à Europa: por favor, na Itália, coma e beba por mim.

Ver uma pessoa amando é como ler um romance de amor. É como ver um filme de amor. Também se ama por contaminação na tela do instante. A estória é de outro, mas passa das páginas e passa para a gente.

Tudo jardineiro é jardineiro porque não pode ser flor.

Reconhece-se a 50m um desamado, o carente. Mas reconhece-se a 100m o bem-amado. Lá vem ele: sua luz nos chega antes de suas roupas e pele.

Sim, batem nas dobras de seu ser. Pássaros pousam em seus ombros e frases. Flores estão colorindo o chão em que pisou.

O que ama é um disseminador.

Tocar nele é colher virtudes.

O bem-amado dá a impressão de inesgotável. E é o contrário de Átila: por onde passa renascem cidades.

O bem-amado é uma usina de luz. Tão necessário à comunidade, que deveria ser declarado um bem de utilidade pública.

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=A7NcBAAAQBAJ&pg=PT116&lpg=PT116&dq=o+homem+que+conheceu+o+amor+cronica&source> Acesso em: 06 ago. 2018.

Em: “Parecia pronto para morrer, já que sempre **estivera** pronto para amar.”, o verbo destacado, **se flexionado no pretérito imperfeito do indicativo**, ficaria:

- estava
- esteja
- esteve
- estivesse

4. (FUMARC – 2018)

DÉMODÉ*

Mário Viana

Na próxima faxina, vai ser preciso empurrar para o fundo do armário os barquinhos de maionese, os pickles espetados no repolho e as taças de coquetel de camarão. Com jeitinho, também cabem o bilboquê e o ioiô que apitava. É necessário espaço para acomodar tudo aquilo que sai de moda. Por exemplo: as expressões “com licença”, “por favor” e “obrigado” estão, todas, caindo no mais completo desuso, feito uma calça de Tergal ou uma camisa Volta ao Mundo.

Atualmente, gentileza só gera gentileza em fotinho de rede social. Na real, o que vale de verdade é a versão urbana da lei da selva. Incontáveis vezes, sou pego de surpresa na sala do cinema ou do teatro por uma pessoa plantada de pé, ao meu lado, esperando que eu abra caminho para sua passagem. Eu cedo e ela passa, sem emitir um som. Faz sentido: se não pede licença, a criatura não sabe agradecer. Nos ônibus e metrô também há o bônus da mochila, cada vez maior e mais pesada. Deduzo que todas elas são recheadas de livros, cadernos, pares de tênis, roupa de frio, marmitta, duas melancias, um bote inflável (nunca se sabe quando a chuva vem) e, desconfio ainda, o corpo embalsamado do bicho de estimação. Só isso explica a corcova sólida e intransponível que bloqueia corredores a qualquer hora do dia ou da noite. Nem adianta apelar para a antiga fórmula do “com licença”. Ela perdeu o significado.

Outro item fadado à vala comum dos esquecidos é a letra R, usada no final de algumas palavras para significar o infinitivo de um verbo. Fazer, beijar, gostar, perder, seguir — você sabe que são verbos justamente por causa da última letra. Pois não é que as redes sociais, mancomunadas com a baixa qualidade do ensino, estão aniquilando a função do R? No Twitter, é um verdadeiro festival de “vou fazer bolo pq o Zé vem me visita”.

Para decifrar alguns posts — marcados também pela absoluta ausência de vírgulas, acentos e pontos —, é preciso anos de estágio nos livros de José Saramago e Valter Hugo Mãe. Apegar-se à ortografia tradicional é perda de tempo e beira a caretece reclamar. Uma vez, corrigi alguém no Twitter e fui espinafado até a última geração. “O Twitter é meu e eu escrevo do jeito que quise” — sem o R, claro. Não se trata de ataque nostálgico. O tempo dos objetos passa, a língua tem lá sua dinâmica e até mesmo as fórmulas de etiqueta mudam conforme o tempo ou o lugar — até hoje, os chineses arrotam para mostrar que gostaram da refeição. Mas prefiro acreditar que um pouco de gentileza sem pedantismo nunca vai fazer mal a ninguém.

Escrever certo deveria ser princípio fundamental para quem gosta de se comunicar. Ironicamente, nunca se escreveu tanto no mundo: nas ruas, salas de espera, ônibus, em qualquer lugar, há sempre alguém mandando um torpedo no seu smartphone do último tipo. Às vezes, chego ao fim do dia exausto de ter “conversado” com gente do mundo inteiro. Espantado, eu me dou conta de não ter aberto a boca. Foi tudo por escrito — e-mail, post, Twitter, torpedo. Se isso acontecer com você, faça como eu: cante alto, solte um palavrão, fale qualquer coisa sem sentido, principalmente se estiver sozinho em casa. Apenas ouça o som que sai da sua garganta. Impeça que sua voz, feia ou bonita, vire um item fora de moda.

Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/cronica-demodemario-viana/> Acesso em: 13 set. 2018. *Démodé: fora de moda

Em: “Escrever certo **deveria** ser princípio fundamental para quem gosta de se comunicar.”, o verbo destacado, **deveria**, está flexionado no

- futuro do presente do indicativo.
- futuro do pretérito do indicativo.
- pretérito imperfeito do indicativo.
- pretérito perfeito do indicativo.

5. (FUMARC – 2018) Texto 2:

“A linguagem, sendo uma elaboração cultural que se fundamenta na faculdade humana de imaginar, de simbolizar e de comunicar experiências vividas, torna o indivíduo capaz de atuar no mundo pela palavra e de elaborar e atuar também sobre a linguagem.

Nesse sentido, a língua realiza atividades estruturantes, indeterminadas do ponto de vista semântico e sintático. As significações e os sentidos textuais e discursivos não podem estar aprisionados no interior dos textos, pelas estruturas linguísticas.

A compreensão de textos é uma atividade criativa, e não simplesmente reativa; não é uma questão de reagir, mas de agir sobre os objetos da cultura. Trata-se de uma atividade dialógica de seleção, reordenação e reconstrução de sentidos. Pois a língua não é totalmente transparente, podendo também ser ambígua ou polissêmica.”(p.50).

Fonte: COLARES, Virgínia. Retextualização do depoimento judicial oral em texto escrito. *Veredas - Rev. Est. Ling., Juiz de Fora*, v. 9, n. 1 e n. 2, p. 29-54, jan./dez. 2005

O verbo está diretamente relacionado com a existência e com a ação do homem no mundo. Portanto, é a base da linguagem verbal. No Texto 2, há o **predomínio** do uso de verbos no tempo:

- Futuro do Subjuntivo, pois indica a possibilidade de realização no futuro próximo.
- Presente do Indicativo, pois a autora argumenta em favor de uma verdade universal.
- Presente do Subjuntivo, porque discute sobre uma situação presente, mas duvidosa.
- Pretérito Imperfeito do Indicativo, porque o texto se refere a um fato presente em relação a outro fato passado.

6. (FUMARC – 2018) Em: “Nas tragédias familiares, só há vítimas, embora alguns **devam** ser mais responsáveis do que outros.”, o verbo destacado está flexionado no

- futuro do subjuntivo.
- presente do indicativo.
- presente do subjuntivo.
- pretérito perfeito do indicativo.

7. (FUMARC – 2017)

Não “temos de”

Lia Luft

Vivemos sob o império do “ter de”. Portanto, vivemos num mundo de bastante mentira. Democracia? Meia mentira. Pois a desigualdade é enorme, não temos os mesmos direitos, temos quase uma ditadura da ilusão dos que ainda acreditam. Liberdade de escolha profissional? Temos de ter um trabalho bom, que dê prazer, que pague dignamente (a maioria quer salário de chefe no primeiro dia), que permita grandes realizações e muitos sonhos concretizados? “Teríamos”. No máximo, temos de conseguir algo decente, que nos permita uma vida mais ou menos digna.

Temos de ter uma vida sexual de novela? Não temos nem podemos. Primeiro, a maior parte é fantasia, pois a vida cotidiana requer, com o tempo, muito mais carinho e cuidados do que paixão selvagem. Além disso, somos uma geração altamente medicada, e atenção: muitos remédios botam a libido de castigo.

Temos de ter diploma superior, depois mestrado, possivelmente doutorado e no Exterior? Não temos de... Pois muitas vezes um bom técnico ganha mais, e trabalha com mais gosto, do que um doutor com méritos e louvações. Temos de nos casar? Nem sempre: parece que o casamento à moda antiga, embora digam que está retornando, cumpre seu papel uma vez, depois com bastante facilidade vivemos juntos, às vezes até bem felizes, sem mais do que um contrato de união estável se temos juízo. E a questão de gênero está muito mais humanizada.

Temos de ter filho: por favor, só tenham filhos os que de verdade querem filhos, crianças, adolescentes, jovens, adultos, e mesmo adultos barbados, para amar, cuidar, estimular, prover e ajudar a crescer, e depois deixar voar sem abandonar nem se lamentar. Mais mulheres começam a não querer ter filho – e não devem. Maternidade não pode mais ser obrigação do tempo em que, sem pílula, as mulheres muitas vezes pariam a cada dois anos, regularmente, e aos cinquenta, velhas e exaustas, tinham doze filhos. Bonito, sim. Sempre desejei muitos irmãos e um bando de filhos (consegui ter três), mas ter um que seja requer uma disposição emocional, afetiva, que não é sempre inata. Então, protejam-se as mulheres e os filhos não nascidos de uma relação que poderia ser mais complicada do que a maternidade já pode ser.

Temos de ser chiques, e, como sempre escrevo, estar em todas as festas, restaurantes, resorts, teatros, exposições, conhecer os vinhos, curtir a vida? Não temos, pois isso exige tempo, dinheiro, gosto e disposição. Teríamos de ler bons livros, sim, observar o mundo, aprender com ele, ser boa gente também.

Temos, sobretudo, de ser deixados em paz. Temos de ser amorosos, leais no amor e na amizade, honrados na vida e no trabalho, e, por mais simples que ele seja, sentir orgulho dele. Basta imaginar o que seriam a rua, a cidade, o mundo, sem garis, por exemplo. Sem técnicos em eletricidade, sem encanadores (também os chamam bombeiros), sem os próprios bombeiros, policiais, agricultores, motoristas, caminhoneiros, domésticas, enfermeiras e o resto. Empresários incluídos, pois, sem eles, cadê trabalho?

Então, quem sabe a gente se protege um pouco dessa pressão do “temos de” e procura fazer da melhor forma possível o que é possível. Antes de tudo, um lembrete: cada um do seu jeito, neste mundo complicado e vida-dura, temos de tentar ser felizes. Isso não é inato: se tenta, se conquista, quando dá. Boa sorte!

Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/colunistas/lya-luft/noticia/2017/06/nao-temos-de-9807278.html> Acesso em 11 jul. 2017

Os tempos dos verbos destacados estão corretamente identificados entre parênteses, **EXCETO** em:

- “[...] temos quase uma ditadura da ilusão dos que ainda **acreditam**.” (presente do indicativo)
- “[...] sem pílula, as mulheres muitas vezes **pariam** a cada dois anos [...]” (pretérito imperfeito do indicativo)

- c) “Temos de ter um trabalho bom, que **dê** prazer [...]” (presente do subjuntivo)
- d) “**Teríamos** de ler bons livros, sim, observar o mundo, [...]” (pretérito mais que perfeito do indicativo)

8. (FUMARC – 2017) TEXTO

PNEU FURADO

O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.

Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo “Pode deixar”. Ele trocava o pneu.

- Você tem macaco? - perguntou o homem.
- Não - respondeu a moça.
- Tudo bem, eu tenho - disse o homem
- Você tem estepe?
- Não - disse a moça.
- Vamos usar o meu - disse o homem.

E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.

Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.

Dali a pouco chegou o dono do carro.

- Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado.
- É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar.
- Coisa estranha. - É uma compulsão. Sei lá.

(VERÍSSIMO, Luís Fernando. Pai não entende nada. L&PM, 1991).

Em: “Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo ‘Pode deixar’. Ele trocava o pneu.”, trocava está flexionado no

- a) futuro do presente do indicativo.
- b) futuro do pretérito do indicativo.
- c) pretérito imperfeito do indicativo.
- d) pretérito perfeito do indicativo.

9. (FUMARC – 2017) O verbo está flexionado no pretérito imperfeito do indicativo em:

- a) “- É. Eu... Eu não **posso** ver pneu furado. Tenho que trocar”.
- b) “E pôs-se a trabalhar, **trocando** o pneu, sob o olhar da moça”.
- c) “Ele **ficou** ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar”.
- d) “O carro **estava** encostado no meio-fio, com um pneu furado”.

10. (FUMARC – 2017) A saga das correções e atualizações automáticas

De todos os meus conhecidos, fui o primeiro a ter computador pessoal. Quando todo mundo ainda usava máquina de escrever. Passava horas decifrando programas, via mapas astrais, ouvia música, lia livros que só existem na internet. Escrevi minhas primeiras novelas nos primeiros computadores lançados no país, máquinas horrendas e lentas. Céus, sou do tempo do Orkut! Mas os programas mudaram. Atualizações e mais atualizações. Perdi o pé. Até em sites de compras me confundo. A Amazon brasileira, por exemplo. É tanta vontade deles de vender livro virtual que não consigo achar os físicos. Não sei mais baixar músicas. Não encontro música nenhuma. Depois de muitas atualizações, as bibliotecas virtuais tornaram-se atividade para iniciados.

Mas nem tudo está perdido.

Outro dia estava confuso no celular. Minha secretária do lar ofereceu ajuda. Explicou.

- Meu filhinho de 4 anos acha tudo!

Humilhação. O fato é que os mais novinhos também passaram por alguma atualização, que ainda não entendi.

Quem não odeia correção automática de texto em celular? Quem? Quem?

É um horror. O corretor automático me trai. Aposto que trai você também. Se digo que vou descansar, ele troca por desgastar, e de repente estou no meio de uma longa DR. Objetivo: descobrir por que a relação está desgastada. Explico que foi o corretor. Quem acredita? Uma amiga escreve que vai na TV. Explico que não estarei lá, trabalho em casa. Após um diálogo confuso, ela descobre que o corretor trocou “vi” por “vou”. Ela apenas viu um programa na TV e queria me indicar. Mas eu já fui grosso dizendo que não estaria lá. E ela entendeu que não me interessei pela dica que ela queria passar. Outro exemplo: Fui escrever “fala”. Mas botei um “l” a mais sem querer, “falla”. O corretor trocou por “Callado”, o dramaturgo, mas que lembra uma ordem impondo silêncio... quem leu, obviamente, não gostou muito. Fiquei um tempo tentando me explicar. Agora pouco quis escrever “importar”. Esqueci do “r” e foi “impotar”, ok. Mas o corretor tinha de trocar por “impotente”? Pronto, mais um amigo ofendidíssimo. O corretor automático de celular deve ter sido criado por uma velha fuxiqueira cujo maior objetivo é provocar rixas entre usuários de mensagens.

E correção em computador? Escrevo as falas de um personagem caipira. O corretor muda. Vou em cima, refaço. Nova correção. Depois, pontilhado vermelho embaixo de cada palavra considerada “errada”. Mas e se o personagem fala errado? Pronto, tiro as correções automáticas de texto. Acredite ou não, elas voltam, misteriosamente. Estão cravadas no interior do programa. Eu me debato. Quase choro.

Simplesmente queria saber: por que não posso voltar aos bons tempos em que podia usar um programa simples? Apenas adequado a minha principal atividade, que é escrever? Por que tenho de me tornar um expert em computador? Ixi, não posso continuar. Um aviso que meu antivírus está expirando insiste em piscar na minha tela. Fecho. Ele volta. Fecho. Ele volta. Socorro!

Disponível em: <http://epoca.globo.com/sociedade/walcyr-carrasco/noticia/2017/06/saga-das-correcoes-e-atualizacoes-automaticas.html> Acesso em: 30 set. 2017(Adaptado).

Em: “Acredite ou não, elas voltam, misteriosamente.”, acredite está flexionado no

- a) imperativo afirmativo.
- b) presente do indicativo.
- c) presente do subjuntivo.
- d) pretérito perfeito do indicativo.

11. (FUMARC – 2016)

Fotos no celular? Socorro!

Walcyr Carrasco

Lançamento de novela. Festa. Imprensa. Emoção. Minha obra! Um garçom, alguns metros à frente, passa com uma bandeja de água e refrigerantes. Morro de sede. Quero um refrigerante. Dou um passo. Uma jovem aproxima-se sorrindo, celular na mão.

- Posso fazer uma foto?

Sorriso de volta, expondo todos os meus dentes como um jacaré. Ela clica.

- Ah, desculpa, não saiu boa. Vou fazer outra.

Já proprietária de mim, afasta-me uns metros para uma posição melhor. Clica de novo. Termina. O garçom na direção contrária. Que sede. Alguém me puxa. Celular na mão. Sorrio de novo. E de novo, de novo, de novo. Quando finalmente alcanço o garçom, a Coca Zero que eu queria acabou. Vou pedir para trazer uma, mas alguém me puxa para... uma foto!

Já ouço alguém dizendo que é o ônus de ser famoso. Não é. Tente dar uma festa de aniversário. Você passará o tempo todo peregrinando de foto em foto com os convidados. Se quiser comer uma fatia de seu próprio bolo em paz, terá de se trançar num armário. Quanto maior a festa, mais e mais fotos. Sempre o mesmo mantra.

– Deixa fazer mais uma para ficar boa...

E você estica os lábios de novo, para immortalizar aquele momento de felicidade. Huummm... bem... felicidade? Certa vez, viajei com um amigo. Como ele é alto e de braço comprido, entrou num rio e fez bem uns 40 selfies dele mesmo sorrindo. O sorriso só sumiu quando o celular mergulhou no rio.

Acredito que a maioria, hoje, prefere fotografar a desfrutar uma viagem. No exterior, registram monumentos, fazem selfies em frente a paisagens. Mas será que realmente veem a paisagem? Houve um tempo em que se fazia piada dos turistas japoneses. Todos passavam a viagem no clique, clique. A piada acabou, o clique, clique se tornou mundial. O que acontece com o resultado de tanta atividade fotográfica?

Nada.

Houve a época dos slides. Para mostrar, era preciso um projetor. Quando um amigo incauto visitava, era obrigado a assistir. Um tédio enquanto se viam os pombinhos na praia, na montanha, posando com esquis velhos. Era obrigatório gostar. Mas essencial medir as palavras.

– Bonito aquele hotel que vocês ficaram.

– Gostou? Mostro de novo!

Agora, na época fluida do registro eletrônico, nem existe mais visita para ver slides. As pessoas publicam fotos e vídeos nas redes sociais o tempo todo. Querem que o universo contemple um café espresso. Se querem mostrar algo, pessoalmente, deslizam as imagens pelo celular, uma atrás da outra.

Contemplo meu próprio aparelho. A memória carregada de fotos. Tornou-se falta de educação não registrar certos momentos. Amigo clica, clico de volta. Como se retribuísse. O que vou fazer com tudo isso, apagar? Minha mãe deixou-me um álbum de fotografias. Às vezes, folheio, vejo minhas fotos de menino, parentes. Quando as vejo, compartilho aqueles momentos bons, específicos. Sinto uma emoção. Quero fazer como minha mãe, preservar imagens.

Corajosamente, falo com meu assistente, Felipe.

– Quero imprimir as fotos do meu celular.

– Ninguém mais faz isso – revolta-se ele.

– Se existe serviço de impressão, é porque fazem.

Assim, neste exato momento, seleciono as fotos que vou imprimir. Depois, o que farei com elas? Talvez um velhinho numa lojinha centenária encontre um álbum de fotografias cheio de poeira. E me venda. Se é que ainda existirão velhinhos e lojas centenárias. Colarei as fotos nas páginas, revivendo em cada uma a emoção. É coisa antiga, sei. Mas não quero abandonar momentos tão bons, família e amigos tão queridos, em algum velho celular descarregado.

Disponível em: <http://epoca.globo.com/sociedade/walcyrr-carrasco/noticia/2017/08/fotos-no-celular-socorro.html> Acesso em: 30 set. 2017 (Adaptado).

Em: “Talvez um velhinho numa lojinha centenária encontre um álbum de fotografias cheio de poeira. E me venda.”, venda está flexionado no

- Imperativo afirmativo.
- Presente do indicativo.
- Presente do subjuntivo.
- Pretérito imperfeito do indicativo.

12. (FUMARC – 2017)

O meu avô

Mário Prata

Bem pequeno aprendi a enumerar a caudalosa linhagem de Mários da minha família: “Tenho tataravô Mário, bisavô Mário, avô Mário, pai Mário, tio Mário e primo Mário”. Se me perguntavam “Por que tanto Mário?” eu não sabia bem o que responder, era só uma dessas gracinhas que criança decora pra fazer os adultos rirem: “Sei lá, acho que eles gostam de Mário”.

O Mário de quem eu mais gostava, depois do meu pai, era o meu avô. Vovô Mário era engenheiro mecânico e nos seus tempos áureos projetava locomotivas. Trens de muitas toneladas cruzando o país abarrotados de minério de ferro, soja, cimento e carvão foram sua segunda maior contribuição à humanidade. A primeira contribuição, a que fez de mim o morador mais importante da rua Briaxis, a vila em que morávamos, com vizinhos tocando a campainha de manhã, de tarde e de noite, trazendo amigos, primos e, invariavelmente, uma bola embaixo do braço, era a trave de madeira que meu avô fez e me deu no meu aniversário de oito anos.

A trave ficava no fundo da nossa garagem e era leve o suficiente para ser carregada por dois meninos até o meio da rua. Sobre o carpete agreste de paralelepípedos travávamos pelas mãos épicas que só não entravam pela madrugada porque as mães apareciam nas portas das casas e, uma a uma, inclementes, iam nos convocando para o jantar. Minha mãe, jornalista, estava sempre presa em fechamentos e não poucas vezes eu era o último felizardo a sair. Ficava ali, batendo faltas contra um gol vazio, me achando o Rivelino: no ângulo, no cantinho, rasteira, de bico, de peito, de trivela. Eu tinha oito anos e uma trave de gol, toda minha: duvido que a vida me permita experimentar, novamente, tal plenitude.

Mais tarde, lá pelos onze, entrei numas de aquário e meu avô não me deixou na mão. Num sábado de manhã fomos juntos a uma vidraçaria na rua Tabapuã, onde vi o funcionário cortar o vidro com um bastãozinho de metal e ouvi, boquiaberto, vovô Mário explicar que, na ponta do bastão, havia um pedaço de diamante: “o material mais duro da Terra: indestrutível”. Depois fomos a um serralheiro e, sem que eu entendesse por que, compramos metros de cantoneiras de alumínio. Bem, delicadeza não era o forte daquele engenheiro nascido antes do crash de 1929; as cantoneiras foram usadas para reforçar todas as juntas, além da borda superior do aquário, que, com sua “torrefélica” estrutura, ganhou em resistência o que perdeu em visibilidade. Mas quem se importa em ver peixinhos dourados quando se pode contar pros amigos, ao passar pela sala, como quem não quer nada: “fui eu que fiz, junto com o meu avô”?

Aos treze comecei a andar de skate e a rampa só não ficou pronta, pois foi embargada por minha mãe – até hoje não a perdoou por, na calada da noite, de forma antidemocrática, ter salvo a minha vida, ou, pelo menos, alguns ossos.

Ontem, quando a minha lista de “Mários” ficou ligeiramente (imensamente) menor, pensei na sorte que tive. Meu avô era um sujeito duro que entrou no século 21 sem jamais ter abandonado o 19, um pai severo e, no entanto, foi capaz de me dar tanto carinho. Não me refiro a beijos, abraços, cafunés – acho que ele nunca me pegou no colo –, mas a esse carinho antigo, pré baby-boomers, Beatles e Caetano, carinho de homem feito com serras, martelos, pregos, parafusos, madeira e cantoneiras de alumínio. Queria poder ter retribuído à altura, mas infelizmente não soube, tão bem quanto ele, usar minhas ferramentas.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2017/07/1897748-o-meu-avo.shtml> Acesso em: 12 jul. 2017.

O tempo dos verbos destacados está corretamente identificado entre parênteses, **EXCETO** em:

- “A trave ficava no fundo da nossa garagem e **era** leve o suficiente para ser carregada por dois meninos até o meio da rua [...]”. (pretérito imperfeito do indicativo)
- “Depois fomos a um serralheiro e, sem que eu **entendesse** por que, compramos metros de cantoneiras de alumínio”. (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- “Mas quem se **importa** em ver peixinhos dourados quando se pode contar pros amigos [...]”. (presente do indicativo)
- “O Mário de quem eu mais **gostava**, depois do meu pai, era o meu avô”. (pretérito perfeito do indicativo)

13. (FUMARC – 2017) O verbo foi empregado no modo imperativo em: